
AS (RE)DESCOBERTAS DOS VIAJANTES E EXPLORADORES NO EGITO DOS SÉCULOS XVIII E XIX

THE (RE)DISCOVERIES OF THE TRAVELERS AND EXPLORERS IN EGYPT OF THE EIGHTEENTH AND NINETEENTH CENTURIES

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.16747>

Natália Munaro de Leão
Mestre em História – PUCRS
natileao@yahoo.com.br

RESUMO: Este estudo tem como objetivo explicitar o contexto do Egito Antigo nos séculos XVIII e XIX e as consequências políticas, econômicas e culturais que permitiram que diversos viajantes e exploradores danificassem e dispersassem o patrimônio desse país, composto de diversas antiguidades entre objetos e monumentos. Além de analisar algumas implicações que todos esses fatores provocaram nos artefatos egípcios, esse trabalho aborda as principais atitudes adotadas para a conservação e preservação das mesmas..

PALAVRAS-CHAVE: Exploradores. Egito Antigo. Egiptologia.

ABSTRACT: This study has the objective of explaining the context of Ancient Egypt in the eighteenth and nineteenth centuries and the political, economic and cultural consequence that have allowed many travelers and explorers to damage and disperse the patrimony of this country, composed of several antiquities between objects and monuments. Besides analyzing some implications that all these factors resulted in the Egyptian artifacts, this work addresses the main actions taken to conserve and preserve them.

KEYWORDS: Explorers. Ancient Egypt. Egyptology.

INTRODUÇÃO

Esse artigo visa compreender a trajetória de monumentos e objetos do Egito Antigo, a partir de viajantes e exploradores do século XVIII e XIX. Conjuntamente, abranger alguns dos fatores que contribuiriam para a consolidação da importância do patrimônio egípcio, que mais tarde levaria a especialização, de alguns indivíduos, em uma ciência que cuidasse dessas obras: a egiptologia.

Para realizar esse trabalho discorre-se sobre o contexto histórico do Egito Antigo na época, os viajantes e exploradores que desenvolveram práticas comerciais de antiguidades e o percurso de alguns objetos e monumentos ao longo desse período. Em todas essas análises busca-se explicitar o desenvolvimento da prática de comercialização e conservação dos monumentos e artefatos egípcios e quais foram as consequências da relação entre essas atividades e os europeus nos séculos XVIII e XIX.

O desenvolvimento desse artigo busca promover uma reflexão acerca da deterioração e alteração que o patrimônio egípcio sofreu ao longo do tempo e na utilização de seu material para fins fúteis com a difusão da egiptomania. Foi com muita dificuldade acreditado e valorizado como científico, algo que ocorreu muito recentemente. Em decorrência desse processo, essas peças continuam – e provavelmente permanecerão – espalhadas pelo mundo aguardando retornar para sua origem, o Egito, e, conseqüentemente, como patrimônio da humanidade.

Contexto histórico dos viajantes

A cultura egípcia sempre fascinou os gregos e romanos. Ambos viajavam e visitavam os principais monumentos do Egito Antigo. Importantes figuras, como os imperadores, conheceram essas obras, e o culto dos deuses egípcios se propagou por todos os lugares do império romano, assim como muitos obeliscos foram levados para lá. Com a chegada do Cristianismo em muitas regiões do Mediterrâneo o interesse pelo Egito Antigo foi desaparecendo, lançando o país no esquecimento (SCHULZ; SEIDEL, 2006).

Depois de dez séculos, durante o período do século XVII e XVIII o país voltou a atrair alguns eventuais viajantes europeus, que passaram a relatar essas viagens e as experiências vividas por lá. Entre os personagens que se destacaram esteve o italiano Pietro della Valle (1586-1632), o clérigo inglês Richard Pococke (1704-1765), e o comandante Frederik L. Norden (1704-1742). Esses são alguns nomes ilustres que descreveram os monumentos, sendo que o último elaborou um relato ilustrado de sua exploração no Egito (SCHULZ; SEIDEL, 2006). Coube primeiro aos viajantes visitar, relatar, descrever monumentos e paisagens, e desenhar mapas do Egito que acabaram por serem utilizados posteriormente pelos os exploradores (SILIOTTI, 2006).

No entanto, foi Napoleão Bonaparte, em uma expedição militar, que constituiu o ponto de partida para a redescoberta moderna da cultura egípcia antiga. Em seu exército, não só soldados estavam presentes, mas também 65 membros da chamada Comissão para a Ciência e as Artes. Estes indivíduos da elite empenharam-se no estudo e registro gráfico dos antigos monumentos mais importante do Egito. O material produzido – de pesquisas sobre a fauna, flora, recursos do país, formas de arquitetura e arte – foi reunido posteriormente e constituiu a primeira obra que envolvia os monumentos egípcios, denominada de *Description d'Égypte*,

uma imensa obra composta de nove volumes de texto e 10 de ilustrações (SCHULZ; SEIDEL, 2006). Tal empreendimento cobria uma massa de documentos que passaria a alimentar trabalhos de decifradores e análises modernas, com a descoberta da Pedra de Roseta. Além de fomentar o interesse da Europa em descobrir a civilização faraônica no início do século XIX (SILIOTTI, 2006).

Esse trabalho despertou o interesse de Jean-François Champollion (1790-1832) pela cultura egípcia e através de sua curiosidade e empenho decifrou a escrita hieroglífica, com o auxílio da Pedra de Roseta – exposta hoje no Museu de Londres. A compreensão dos princípios abstrusos do sistema de escrita egípcia marca o início do advento do que se denominou de egiptologia moderna. Ao mesmo tempo em que investigadores se comprometiam com a importância desse conhecimento, desvendando inscrições e símbolos egípcios, organizando expedições para verificar locais e obter novos documentos epigráficos no país, essa nova admiração pelo Egito Antigo seduziu muitos aventureiros e caçadores de tesouros (SCHULZ; SEIDEL, 2006).

Assim, o século XVIII caracterizava-se pelo aparecimento das análises científicas com o trabalho da expedição do Egito. Uma considerável guinada sobre os estudos em egiptologia. Entretanto exploradores, valendo-se de *Description de l'Égypte* e acompanhados de desenhos e mapas dos monumentos do Egito feitos por viajantes, realizam expedições no Egito. Entre esse grupo, importantes nomes como Belzoni, Salt, Drovetti e Rifaud realizaram trabalhos que mais se aproximaram de razias do que realmente arqueologia (GRIMAL, 2012). O italiano Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) pilhou diversos templos e estátuas, incentivado pelo cônsul britânico Henry Salt. Por consequência desses saques, acabou por descobrir o túmulo do antigo faraó Seti I no Vale dos Reis, feito que é reconhecido até hoje (SCHULZ; SEIDEL, 2006).

Para a compreensão de como todos esses aspectos foram se sucedendo, deve-se destacar que nesse período o país era governado por Muhammad Ali (1769-1849) indicado pelo sultão otomano de Constantinopla para ser vice-rei do Egito (TIRADRITTI, 1998). Essa era a situação que Napoleão encontrou ao chegar ao Egito, para enfrentar os britânicos no Mediterrâneo. Ele venceu o exército mameluco na batalha das Pirâmides, porém seu poder em mar foi derrotado pela frota britânica e em 1801, e os franceses abandonaram o Egito. Nesse período de extrema desordem e guerras sobressaiu-se o oficial albanês Muhammad Ali, que tomou o poder ao ser reconhecido pelo sultão otomano, em 1805, como paxá. Em seu governo iniciou-se o plano de modernização do Egito (SILIOTTI, 2006).

Frente a isso, e com a chegada de Napoleão ao Egito, Muhammad Ali inseriu uma estratégia política que pretendia abrir o país ao mundo ocidental. Para tal foi necessário, e permitido, satisfazer as “necessidades” e “desejos” dos estrangeiros, representantes das nações mais importantes. A partir disso, pedidos para realizar escavações pelo Egito foram aceitas em troca de um pagamento quase insignificante; assim afirmavam-se as negociações e vantagens comerciais e econômicas com o ocidente: as potências europeias (TIRADRITTI, 1998).

Através dessa prática com os europeus, Muhammad Ali deu início ao processo de modernização do país, melhorando o estilo de vida dos egípcios de classe média. Com essa atitude levou adiante a destruição de muitos monumentos antigos, que serviram como matéria-prima na construção de novos prédios. Estava autorizada a procura e utilização de múmias para extrair um corante animal negro para uso industrial, assim como a queima das múmias para obterem um carbono fino utilizado para refinar e clarear o açúcar, que produziam e exportavam. Esse foi o Egito que se preocupava com o futuro e se esquecia do seu ilustre passado. Junto ao fator modernizante e a própria exploração dos viajantes, conjuntos inteiros de templos desapareceram. Restaram apenas vestígios nas areias, escavadas por pessoas que, aos poucos, levavam embora porções do Egito e extinguíam sua história (TIRADRITTI, 1998).

Essas medidas de modernização organizadas por Muhammad Ali, no futuro, induziram o Egito ao início de uma grave crise econômica, ficando o país à mercê da intervenção [especialmente, deve-se destacar, da depredação dos seus monumentos, do patrimônio do país] das mais importantes potências europeias e, sobretudo, no período de 1882 a 1922, da Grã-Bretanha, como protetorado (SILIOTTI, 2006).

Exploradores e viajantes

Entre os viajantes e/ou exploradores dos séculos XVIII e XIX estão antiquaristas e aventureiros à procura de antiguidades egípcias para venderem no exterior. Porém, o século XVIII assinala o início das primeiras autênticas explorações geográficas, e o século XIX marca a chegada dos diplomatas e a introdução da exploração científica dos objetos e monumentos do Egito Antigo (SILIOTTI, 2006). Na Europa, quanto mais se sabia do Egito através dessas pessoas, maior era a vontade de possuir tais objetos. Os antiquários

construíram grandes coleções para a realização de importantes negócios e para venderem aos grandes museus da Europa. Esses “diplomatas” contrataram aventureiros para promover a competição, reunir maiores quantidades de objetos de grandes dimensões e realizar as tarefas de transporte dessas antiguidades para os museus da Europa (SCHULZ; SEIDEL, 2001).

Nesse período, alguns exploradores e/ou viajantes se destacaram: Ippolito Rosellini (1800-1843) e Jean-François Champollion (1790-1832). Juntos conduziram a expedição franco-toscana ao Egito entre 1828 e 1829. Visitaram e estudaram diversas tumbas egípcias, descobriram importantes antiguidades e fizeram mais de 1.400 desenhos. Do trabalho desses pesquisadores resultou, pela primeira vez, na decifração de nomes e inscrições dos faraós. Champollion por diversas vezes manifestou sua desaprovação contra aqueles que desproviavam o Egito de sua herança arqueológica. Mesmo assim, ficou extremamente extasiado com suas próprias descobertas. Certa vez não resistiu e removeu o batente de uma porta da tumba de Seti I, peça que pode ser encontrada atualmente no Museu do Louvre, em Paris. Rosellini também executou a mesma tarefa, e levou o batente oposto da mesma tumba para Florença, na Itália. Champollion reprovava a ideia de pessoas retirarem os objetos valiosos do Egito sem o governo regulamentar o fluxo dos mesmos para o exterior. Ele receava que as pessoas nunca mais pudessem vê-los novamente, a partir do momento que ficassem expostos em alguma casa particular. Porém não havia oposição no caso desses objetos removidos ficarem expostos em museus ou lugares públicos, desde que tivessem autorização oficial (TIRADRITTI, 1998).

Karl Richard Lepsius (1810-1884), prussiano, liderou a expedição da Prússia ao Egito e descobriu numerosos e valiosos objetos, inclusive no norte da Núbia. Uma colossal estátua de Amon foi removida de seu templo, em Gebel Barkal, sendo utilizados para o serviço a mão-de-obra de 92 núbios. Esta estátua foi enviada ao Museu de Berlim, onde encontra-se até hoje, assim como cerca de 1.500 achados egípcios, entre múmias, um obelisco e três câmaras funerárias, milhares de desenhos, cópias epigráficas, plantas de sítios e de monumentos e uma estela bilíngue (SILIOTTI, 2007b; TIRADRITTI, 1998).

O arquiteto e artista francês Émile Prisse d’Avennes (1807-1879) utilizou uma embarcação Kanja através do Rio Nilo para, em 1843, retirar os relevos do “Salão dos Ancestrais”, de Tutmósis III, do templo de Amon, em Karnak, e enviou-os a França, onde permanecem até hoje no Museu do Louvre, em Paris (SILIOTTI, 2007b; TIRADRITTI, 1998).

Bernardino Drovetti (1776-1852), piemontês e cônsul da França, participou pessoalmente das escavações e dirigiu as operações em busca das antiguidades egípcias em Tebas e em Tânis. As coleções de Drovetti estão expostas nos museus de Turim, Louvre e

Berlim. Em Turim, na Itália, encontra-se sua primeira coleção egípcia, composta por 95 estátuas. Entre elas, Amenófis I, Tutmósis I, Tutmósis III, Amenófis II, uma esfinge de Amenófis III e uma grande estátua de granito de Ramsés II, além de mais de 169 papiros e manuscritos, 485 objetos de ferro, bronze e chumbo, mais de 2.400 escaravinhos sagrados e amuletos e 3.007 medalhas. Observa-se que as estátuas contêm a inscrição dos nomes dos descobridores. O Louvre reúne, em sua segunda coleção, três sarcófagos de pedra dura, dez estelas de granito, sessenta estelas de pedra calcária, quinhentos amuletos, trinta manuscritos, duas múmias e oitenta objetos de ouro, entre eles uma taça de ouro maciço do general Thoutii. Berlin, que é sua terceira coleção, conta com a estátua de Tutmósis III (SILIOTTI, 2007a). Jean Jacques Rifaud (1786-1852), escultor marselhês a serviço de Drovetti, deixou uma coleção de diversas pranchas, que representavam paisagens e monumentos do Egito. Gravou em diversas estátuas seu nome e de Drovetti. Assinalava-se os achados como propriedades para que não fossem transportados facilmente, como, por exemplo, a estátua de Tutmósis III, em granito negro (SILIOTTI, 2007a; VERCOUTTER, 2002).

Figura 1 – Estátua de granito negro de Tutmósis III (1490-1436 a.C.)



Estátua de granito negro de Tutmósis III (1490-1436 a.C.) do Museu de Turim, da coleção egípcia de Drovetti. Rifaud gravou com erros de ortografia “descoberta por Jq Rifaud, escultor ao ‘cerviço’ de M. Drovetti, em Tebas, 1818”.¹

¹ VERCOUTTER, Jean. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 62.

Henry Salt (1780-1827), artista, pintor e cônsul inglês, ilustrou livros dos viajantes que retornaram para a Europa, também foi ajudado pelos seus assistentes Yanni e Belzoni. Escavou em Tebas, Abu Simbel e Gizé. Realizou diversas descobertas que constituíram três coleções que compõem, hoje, os museus Britânico e Louvre. Para o Museu Britânico foi vendida a primeira coleção, por 2 mil libras, com diversos artefatos egípcios. O mais notável deles é uma cabeça de Ramsés II do Ramesseum, a terceira coleção com 1083 objetos foi vendida para o mesmo museu. A segunda coleção foi vendida para o Louvre por 10 mil libras, contendo 4.014 objetos, entre eles, o sarcófago de Ramsés III (SILIOTTI, 2007a).

Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), italiano da cidade de Pádua, foi um dos primeiros europeus a investigar o Egito sistematicamente na busca por antiguidades. Dentre suas várias façanhas estão a abertura do templo de Ramsés II, em Abu Simbel, a descoberta das tumbas de Ramsés I e Seti I, no Vale dos Reis, e a abertura da pirâmide de Quéfren, em Gizé. As atividades de Belzoni, que na época trabalhava para o cônsul inglês Henry Salty, levaram-lhe a remover o imenso busto de Ramsés II do Ramesseum no Egito, em 1816, para até hoje ainda permanecer no British Museum em Londres (TIRADRITTI, 1998). Forneceu ao mesmo museu a estátua de Sekhmet, e a cabeça de Amenófis III. Removeu o obelisco de Filae, agora em Kingston Lacey, em Dorsethire. O sarcófago de alabastro de Seti I está no Soane Museum, em Londres. Belzoni gravou seu nome no Ramesseum, além de subornar egípcios para realizar suas atividades (JOHNSON, 2010).

Auguste Mariette (1821-1881), egiptólogo francês, um dos sucessores de Champollion, criou a Diretoria das Escavações, futuro Serviço de Antiguidades do Egito, e assim colocou fim à pilhagem sistemática das antiguidades, antes destinadas a coleções europeias. Dos seus estudos e escavações, formou o Museu de Boulaq, no porto do Cairo, e iniciou o projeto do que posteriormente viria a ser o Museu do Cairo e onde apresentaria o maior conjunto de testemunhos do Egito Antigo (GRIMAL, 2012). “O que Champollion fez para a leitura dos hieróglifos, Mariette o fará para a arqueologia” (VERCOUTTER, 2002, p. 101). Mesmo assim, Mariette era um homem de seu tempo. A egiptologia moderna estava se desenvolvendo, e em algumas vezes seu trabalho se assemelhou ao de Belzoni quando: removeu estelas sem registrar as circunstâncias do sítio arqueológico e danificou tumbas de tijolos que desapareceram da História para sempre (JOHNSON, 2010).

Além desses viajantes e/ou exploradores dos séculos XVIII e XIX já elucidados, outros também merecem destaque nesse artigo, como: Richard Pococke; Frederik Ludwig Norden; James Bruce de Kinnaird; Louis François Cassas; Richard Dalton; Charles Nicolas Sonnini; Napoleão Bonaparte; Maximiliano de Baviera; John Gardner Wilkinson; Howard

Vyse; John Perring; William John Bankes; Louis de Forbin; Frédéric Cailliaud; Von Minutoli; Girolamo Segato; Schiaparelli; David Roberts (SILIOTTI, 2007a; SILIOTTI, 2007b).

As redescobertas

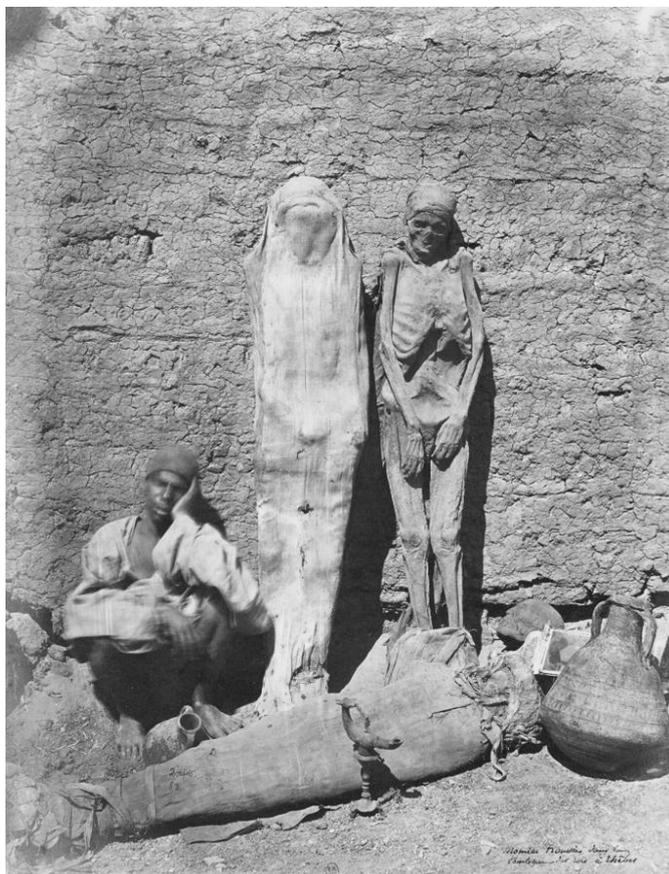
A expedição de Napoleão no Egito determinou o retorno dos interesses ligados ao Vale do Nilo e pela antiga civilização dos faraós. Tal expedição pretendia aumentar o conhecimento geral dos europeus sobre a cultura do Egito Antigo, porém a principal consequência dos esforços de Napoleão se manifestaria na moda, arte e arquitetura europeias. Os emissários estrangeiros das principais potências que estavam no Egito nesse período ficaram fascinados pelos monumentos egípcios. Esse fato tomou tanta proporção, que esses representantes reuniram extensas coleções de antiguidades egípcias, distribuídas entre algumas cidades europeias. A grande obra *Description de L'Égypte* serviu para inspirar uma significativa pilhagem cultural que durou um século, uma insaciável demanda europeia por artefatos egípcios. Esse acontecimento suscitou o início do comércio de artefatos antigos, alimentando o desejo europeu pelo Egito nesse século XIX (BURLEIGH, 2008; TIRADRITTI, 1998).

A difusão da reprodução das imagens desta grande obra e o profundo envolvimento com a egiptomania refletiam o uso frequente de iconografia egípcia em vários aspectos da vida cotidiana europeia: na arte, a confecção com moldes, reminiscências e motivos egípcios era observado em cunhagem de medalhas, aparelhos de louças, joias, mobiliário e pinturas representando cenas de origem egípcia; na arquitetura e decoração exibiam elementos egípcios; na moda, artistas utilizavam cenários e vestimenta com ornamentos segundo o modelo egípcio. No século XIX pode-se observar o estilo egípcio em voga, muito empregado no mobiliário e na arte que decorava os ambientes europeus. Lojas e ambientes apresentavam objetos com design denominado de egipcianismo (BURLEIGH, 2008).

O interesse pelo Egito e por suas antiguidades despertou, nesse período, mais renovado e popular, a levar muitos viajantes aristocratas europeus à conhecer o país. Todo o conforto de uma viagem era desfrutado por esses turistas, que registravam seus passeios pelo rio Nilo, fotografando e visitando *in loco* os monumentos. Do mesmo modo que conheciam o Egito, essas pessoas queriam permanecer com uma parte do país e para tanto obtinham lembranças de suas viagens, levando para a Europa coleções de objetos egípcios

(TIRADRITTI, 1998). Então, a tendência da egiptomania se estendeu ao cume do desejo de possuir entre os colecionadores, uma peça autenticamente egípcia. Tal demanda favoreceu o desenvolvimento de negócios dedicados a pilhagens de tumba e artefatos, que deixavam o Egito rumo à casas e museus da Europa (BURLEIGH, 2008).

Figura 2 – Realidade vulgar. Comércio de múmias



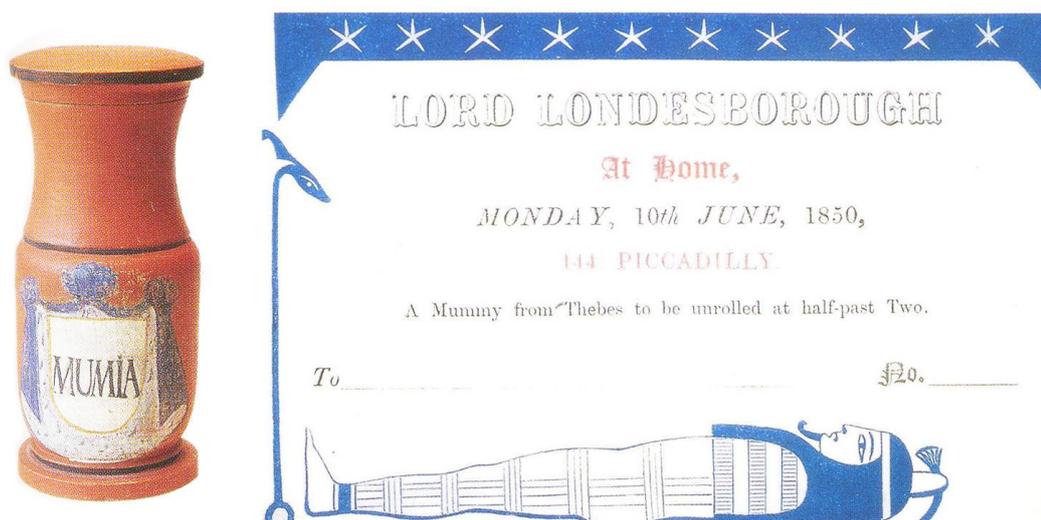
Um guarda ou vendedor adormece ao lado de múmias “encontradas” em tumbas de Tebas. A primeira envolta em faixas, a segunda desenfaixada e a terceira deteriorada e estendida no chão. Fotografia de Félix Bonfils, em 1860.²

Os *souvenirs* mais procurados e coletados no século XIX eram objetos de importância e tamanho consideráveis, entre os mais visados estavam os ataúdes, as múmias – especialmente as com bandagens –, estátuas, mobílias, vasos, amuletos e até escaravelhos (TIRADRITTI, 1998). As múmias eram procuradas desde tempos remotos, porém tal comércio só se desenvolveu na Europa a partir do século XVII. Por um lado, existia o interesse pelo pó de múmia, este que consistia numa substância betuminosa natural e escura, a qual se atribuíram grandes propriedades terapêuticas. Ao final da Idade Média as múmias já

² HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. *Egipto: pessoas, deuses, faraós*. Tradução de Maria da Graça Crespo. Lisboa: Taschen, 2003. p. 208.

eram reduzidas a pó e transportadas em navios para a Europa. Até o século XIX todo farmacêutico digno de seu nome tinha um boião de múmia para vender em sua loja (HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer). E por outro lado, a grande procura pelas múmias envolvidas em bandagens destinava-se para exposições em eventos que eram organizados no intuito de desfazerem as ataduras diante de um público que, curioso, ficava na expectativa de ver o estado do cadáver. Muitas madames da sociedade da época chegavam a desmaiar ao visualizar as múmias, durante o processo de desembrulho (TIRADRITTI, 1998). Após a expedição de Napoleão e sua equipe de cientistas, o Egito definitivamente tornou-se popular, aumentando a procura e o interesse pelas múmias em bom estado. As múmias eram uma apreciada lembrança de viagem e eram expostas em gabinetes particulares de curiosidades. Também eram desenfaixadas ou oferecidas aos museus (HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer).

Figuram 3 – Recipiente de boticário e carta à imprensa



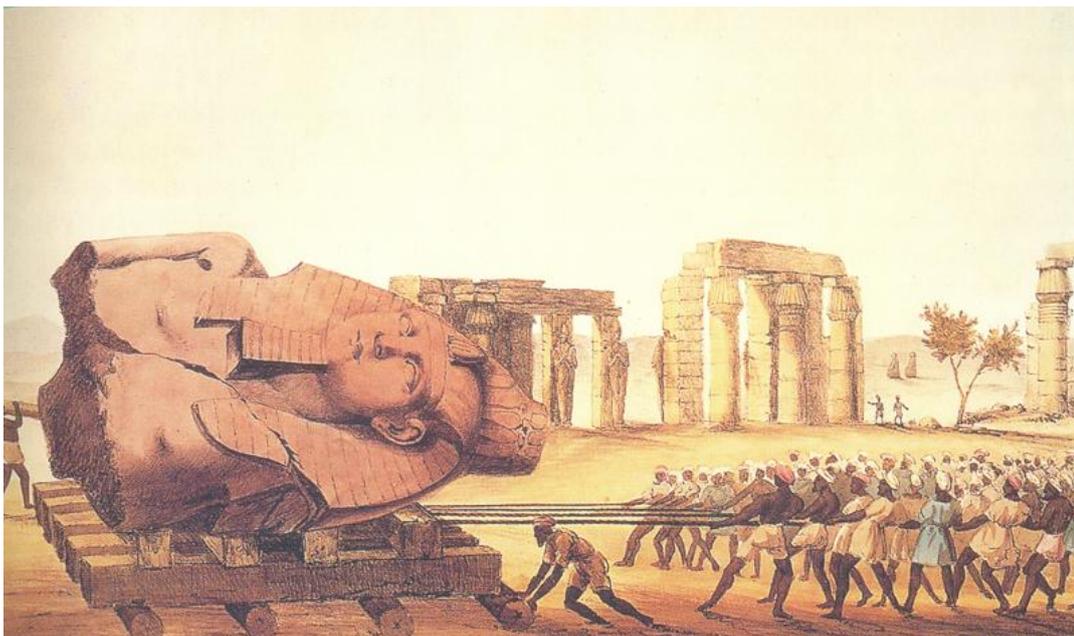
Recipiente em que boticários conservavam múmias em pó no século XVIII. O pó de múmia era apreciado e conhecido na Europa desde a Idade Média pelas virtudes terapêuticas que lhe atribuíam (esquerda). Impressionante acontecimento mundano: uma carta à imprensa datada de 10 de julho de 1850 informa que uma múmia será desenfaixada na residência de Lorde Londesborough, em Londres; o convite torna-se excêntrico, com hora e local precisos, frente ao repouso milenário da múmia (direita).³

Os monumentos em ruínas, com elementos decorados e inscrições eram os mais almeçados e, muitas vezes, acabavam transportados para a Europa. Muitas dessas atividades eram realizadas enquanto estruturas inteiras podiam correr o risco de ser desmontadas pelos insaciáveis exploradores europeus (TIRADRITTI, 1998). Os exploradores e/ou viajantes buscavam dar preferência para monumentos mais suntuosos, com grandes proporções e

³ HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. *Egipto: pessoas, deuses, faraós*. Tradução de Maria da Graça Crespo. Lisboa: Taschen, 2003. p. 213.

construídos com o granito. Dentre os monumentos que se encontram nos museus hoje, entre os que permitem essa avaliação estão os obeliscos, as esfinges, os sarcófagos e estátuas colossais. Observa-se que, para capturarem esses elementos de grande peso, não eram utilizados meios mecânicos, necessitando assim de muita mão-de-obra, na maioria das vezes sem capacitação. Em seguida, os monumentos eram transportados para cidades do delta do Nilo, através de simples embarcações a vela de pequena tonelagem. Isso acontecia até 1830, quando apareceram os barcos a vapor (VERCOUTTER, 2002).

Figura 4 – Transporte do busto de Ramsés II



Operação de remoção e transporte do busto colossais de Ramsés II, do Ramesseum, em Tebas, concluída em 1816 – atualmente o “Jovem Memnon”, como foi batizado por Belzoni, está no Museu Britânico de Londres. Litografia de G. B. Belzoni, Six, New Plates, Londres, 1822.⁴

Além dos europeus, os próprios egípcios se corrompiam, invadindo túmulos e procurando objetos preciosos, a fim de vendê-los para os ávidos colecionadores europeus de antiguidades. Isso aconteceu quando os egípcios, ao notarem o interesse dos ocidentais por aquilo que para eles eram apenas pedras, perceberam que guardavam tesouros em seu território. As pessoas que moravam ao redor desses sítios arqueológicos começaram a promover expedições em busca de tumbas, templos e estátuas, e na esperança de encontrar joias e objetos preciosos. Em seguida, descobriram que os europeus só se interessavam pelas pedras propriamente ditas e não o que elas poderiam armazenar. Mesmo que os egípcios não conseguissem observar e compreender o valor dessas pedras entalhadas e, muitas vezes, incompletas, eles rapidamente se empenharam em caçar essas peças e se tornaram os

⁴ SCHULZ, Regine; SEIDEL, Mathias. *Egipto: arte e arquitetura*. Trad. Joana Assunção. Colônia (Köln): Könnemann, 2006. p. 487.

principais descobridores de antiguidades, para mais tarde, venderem informações e até os próprios artefatos aos europeus (TIRADRITTI, 1998).

Figura 5 – Roubo de Tumba



Ao exemplo dos agentes dos cônsules, os camponeses egípcios também roubavam, uma mulher egípcia procura objetos preciosos entre as múmias de um templo de Tebas, a fim de vendê-los para insaciáveis colecionadores de antiguidades europeus. Roubos em tumbas eram numerosos após moradores da região notarem o crescente interesse dos europeus pelas antiguidades egípcias, oportunizando aumentar suas rendas com a venda dos achados. Aquarela do inglês John Gardner Wilkinson, *Manners and customs of the ancient egyptians*, Londres, 1878.⁵

Paralelamente, ainda que já se apontassem escavações sendo conduzidas por acadêmicos, os sítios arqueológicos foram profanados por incansáveis pilhagens. Os próprios egípcios ainda não estavam preocupados com a preservação histórica. Muitos colaboravam com o saque dos estrangeiros, para aumentarem os lucros e muitas vezes acalmar a fome – realizavam lucros bem superiores a suas importâncias exigidas –, e o próprio governo encarava os sítios como fontes naturais de recursos independentes do aspecto histórico. Numerosos templos foram desmantelados para fornecerem suas pedras para novas construções, além de os túmulos já serem majoritariamente violados no decorrer dos milênios. (BURLEIGH, 2008; HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer, 2003). Os egípcios ainda iam mais além. Não hesitavam em produzir e falsificar peças, na falta de objetos autênticos. Alguns desses “novos objetos” chegavam a iludir até os egiptólogos (TIRADRITTI, 1998).

⁵ TIRADRITTI, Francesco (ed.). *Tesouros do Egito: do museu egípcio do Cairo*. São Paulo: Manole, 1998. p. 15.

Percebe-se que, a pilhagem indiscriminada do Egito Antigo começou logo após a partida da expedição de Napoleão, sob a intendência de Muhammad Ali (1805-1849), que assumiu o controle do país logo após a saída dos franceses, ingleses e turcos (BURLEIGH, 2008). Posteriormente a expedição de Napoleão ao Egito, o país atraiu todo o tipo de indivíduo com um interesse em comum: o simples ensejo de comerciar e exportar antiguidades (TIRADRITTI, 1998). Negociantes, colecionadores, turistas e amadores iniciaram, na metade do século XIX, saques de proporções gigantescas, que continuaram por mais de uma centena de anos (BURLEIGH, 2008). Deve-se acrescentar ainda que, as próprias autoridades locais alimentaram esses negócios, fornecendo auxílio como o transporte dessas “mercadorias” para seguirem destino para fora do país (TIRADRITTI, 1998).

Muitas destas (re)descobertas – de magníficos e singulares monumentos e artefatos – estão atualmente visíveis em diferentes locais distantes do Egito. Para exemplificar, podemos observar o Zodíaco de Dendera exposto no Louvre (arrancado com dinamite do local de sua origem em 1821), a Agulha de Cleópatra exibida em Nova Iorque (doada como presente pelos franceses), um obelisco de templo de Luxor posto à vista na Place de la Concorde em Paris, além de excessivas salas de múmias e tesouros expostos no Museu Britânico, no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e no Louvre (BURLEIGH, 2008).

Todos os eventos de transporte e comercialização de monumentos e objetos do Egito para a Europa foram aos poucos sendo dificultados por alguns personagens que buscavam a conservação das peças. O cônsul francês Jean-François Mimaut (1774-1837), muito amigo de Champollion, foi segundo Tiradritti (1998):

[...] o responsável por um dos primeiros atos oficiais a despertar a atenção do governo egípcio para sua herança cultural e artística. Apaixonado por antiguidades, ele não hesitou em mandar um enfático protesto por escrito diretamente a Muhammad Ali, no qual se opunha à proposta de desmanche de uma das pirâmides de Gizé a fim de usar suas rochas de calcário na construção de alguns diques do Rio Nilo (TIRADRITTI, 1998, p. 16).

Por fim Muhammad Ali contratou Champollion para fazer um relatório sobre a conservação dos monumentos egípcios, no qual enfatizou a importância dos monumentos, sob ponto de vista histórico, e na dispersão e destruição dos mesmos, por parte dos exploradores europeus. Segundo Tiradritti (1998), nesse documento, ainda exigia uma regulamentação mais rigorosa para a realização de escavações e para as exportações de monumentos. Após a conscientização do conteúdo, percebeu-se que, não havia interesse nenhum na conservação

das peças e nem em interromper com a prática de comércio de antiguidades, visto que arrecadava tanto lucros para egípcios como para europeus.

É nesse momento que aparece Rifa'a al-Tahtawi (1801-1873), que propõe a conservação desse patrimônio e consegue desenvolver, durante o século XIX, uma consciência nacionalista no Egito sobre o valor das antiguidades. Em 1835 estabelece um decreto regulamentando pela primeira vez o comércio de antiguidades no Egito, além de proibir a exportação de objetos entalhados. Para tanto, foi criado um local, no Cairo, para expor e conservar esses objetos. Um edifício, semelhantes aos da Europa, foi construído nos Jardins Azbakiya. Apesar dessas ações, o decreto foi ignorado durante muito tempo e os monumentos continuaram sendo comercializados e destruídos livremente. Os objetos mantidos nesse edifício foram considerados um recurso particular para Muhammad Ali e seus sucessores conseguirem benefícios em troca. Isso ocorreu até 1855, quando o lugar foi oferecido de presente para o arquiduque austríaco Maximiliano (TIRADRITTI, 1998).

Auguste Mariette chega ao Egito para comprar alguns manuscritos coptas para a coleção de Paris. Diante do seu fracasso passou a escavar em Saqqarah até encontrar o Serapeum. Após mais algumas experiências, ele resolveu que o Egito precisava de uma legislação para a conservação de suas antiguidades. Conseguiu, em 1858, a aprovação do vice-rei para a criação do Serviço Egípcio de Antiguidades com função de supervisionar, ao longo do tempo, todas as escavações científicas dos sítios no Egito, limitando as pilhagens. Já como diretor-geral, começou um programa de pesquisas arqueológicas, acumulando diversos objetos do Egito, no Cairo, proporcionando a fundação do Museu de Arqueologia Egípcia em 1863. O museu teve vários administradores, até ser efetivamente inaugurado, em 1901, o prédio que acolheria todas as peças (TIRADRITTI, 1998).

Conclusão

O Egito sempre fascinou seus visitantes – os viajantes –, ao longo dos milênios. No entanto, foi no período dos séculos XVIII e XIX que o mundo conheceu o país profundamente, após a escrita hieroglífica ter sido decifrada por Champollion, no século XIX, desencadeando a curiosidade por (re)descobrir e conhecer ao máximo a civilização e a cultura do Egito Antigo, e conseqüentemente, a atual. As explorações dos sítios arqueológicos neste período contribuíram para que a Europa conhecesse os monumentos egípcios e despertasse,

em via de mão dupla, um grande interesse dedicado à egiptomania e também, para o despertar da egiptologia. Percebe-se que, esse acontecimento foi decisivo para o desenvolvimento dos estudos científicos sobre o Egito Antigo. Porém, devemos lembrar que isso só foi possível por meio das (re)descobertas ao longo dos séculos, pelos viajantes e exploradores, que se aventuravam em empreitadas pelo território egípcio. Em busca de relíquias eles fomentaram, muitas vezes, o mercado negro, a falsificação e até a danificação desses objetos preciosos para a História.

Aliado a esses fatores, não podemos negar a contribuição desses personagens, que nos legaram a reunião de informações escritas e iconográficas sobre antiguidades que algumas já não existem mais. Mas também foram responsáveis pela obtenção de peças que formaram museus – que não se integram ao Egito – e acervos particulares, dos quais, como temia Champollion, nunca mais foram ou serão vistos pelo público. Todavia, ao tratar as antiguidades, mesmo que através desses meios, desencadearam o método científico de preservação e continuidade de pesquisas sobre as peças egípcias. Esse novo conhecimento sobre o Egito Antigo ficou conhecido como a egiptologia e atualmente compreende muitos especialistas que se empenham em manter viva a História desse país, concentrando atenção para escavações e pesquisas sistemáticas com o objetivo de salvar o patrimônio das contínuas violações perpetradas durante os séculos. Portanto, o fim do século XIX instituiu definitivamente a egiptologia como ciência, incentivado muito pelas descobertas realizadas, pelas explorações dos achados e pelo estabelecimento de instituições que asseguravam seu desenvolvimento. Mesmo nos dias de hoje, o país fascina as pessoas de todo mundo, pela atração quase mágica que exerce sobre nós com seus tesouros e templos, que continuam a resistir à ação do tempo, e também pelo Egito reservar aos pesquisadores muitos achados que se sucedem continuamente até o momento presente.

Através desse estudo, pode-se analisar as descobertas sobre duas etapas: a primeira fase das descobertas foi marcada pela venda e contrabando de peças egípcias, que foram levadas para fora do Egito. Como resultado, muitas peças famosas foram espalhadas pelo mundo. Também nesse período ocorreram danificações em algumas peças. Assim se fazia para identificar a autoria do descobridor. Muitas dessas peças foram retiradas do Egito, desconhecendo-se qual teria sido o destino delas. A segunda fase das descobertas foi caracterizada pela preservação e conservação das construções e tesouros egípcios. A construção do museu e a disseminação da consciência da importância do patrimônio. Alguns templos foram totalmente desmontados e reconstruídos, para salvá-los da natureza e do homem, através da tecnologia. Como exemplo, mais adiante, já na segunda metade do século

XX, o deslocamento dos templos de Abu Simbel e Filae, para salvá-los da imersão que configuraria a construção da alta barragem de Assuão; os projetos foram financiados e organizados pela UNESCO, de maneira inédita.

Um exemplo desse processo foi a longa caminhada de Auguste Mariette e seus sucessores, para realizar exposições no próprio Egito, após o serviço de Antiguidades ser criado em 1858. Resultou no projeto iniciado em 1897, que apesar de sofrer diversas influências, gerou o Museu Nacional Egípcio, que hoje em dia alberga a maior e mais importante coleção de antiguidades egípcias. O outro museu, em Gizé, com edificação que correspondia às necessidades de um museu moderno e que guarda as peças em estado de conservação, deve ajudar na exposição e preservação das peças. A partir dessas novas edificações e recursos, o Egito passou a oferecer melhores condições à sua antiga cultura, que necessita agora que sua História retorne para o mesmo. A partir do século XX, após o episódio da maravilhosa descoberta arqueológica da tumba de Tutancâmon e com a exposição de seus tesouros inestimáveis no Museu do Cairo, os egípcios começaram a ser vistos como principais curadores de sua herança cultural. Atualmente monumentos e artefatos do Antigo Egito permanecem espalhados pelos museus do mundo, ainda que exista um profundo esforço das autoridades culturais do país em resgatá-los.

Já se passou mais de um século desde que artefatos do Egito Antigo foram exibidos pela primeira vez no país, como, por exemplo, a inauguração do Museu Egípcio do Cairo. Os conjuntos de artefatos que cobrem o interior do museu são frutos do trabalho e conquista das pessoas, que nos últimos dois séculos, se dedicaram a História do Egito Antigo. Essas pessoas que começaram essa jornada como curiosos desde a Antiguidade e ressurgiram com grande expressividade nos séculos XVIII e XIX, como viajantes e/ou exploradores, redescobriram resquícios dessa civilização, que se constitui como grande obra-prima dos períodos de 5 mil anos. Muitas vezes, essas pessoas criaram um jogo duplo de interesses. Porém, por resultados de pessoas engajadas na ciência e aos estudos de Egiptologia, proporciona-se hoje, aos povos contemporâneos, os frutos desse trabalho: a oportunidade a admirar o legado da cultura egípcia antiga e propagar a concepção e conscientização de preservação dos monumentos e artefatos antigos como patrimônio da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURLEIGH, Nina. *Miragem: os cientistas de Napoleão e suas descobertas no Egito*. São Paulo: Landscape, 2008. 295 p.
- GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Tradução de Elza Marques Lisboa de Freitas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 499 p.
- HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. *Egipto: pessoas, deuses, faraós*. Tradução de Maria da Graça Crespo. Lisboa: Taschen, 2003. 240 p.
- JOHNSON, Paul. *Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010. 463 p.
- SCHULZ, Regine; SEIDEL, Mathias (orgs.). *Egipto: arte e arquitetura*. Tradução de Joana Assunção. Colônia (Köln): Könemann, 2006. 608 p.
- _____. *Egipto: o mundo dos faraós*. Tradução de Luís Anjos *et alli*. Colônia (Köln): Könemann, 2001. 538 p.
- SILIOTTI, Alberto. *Egito*. Barcelona: Folio, 2006. 288 p.
- _____. *Primeiros descobridores: a descoberta do Antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007a. 192 p.
- _____. *Viajantes e Exploradores: a descoberta do Antigo Egito*. Barcelona: Folio, 2007b. 191 p.
- TIRADRITTI, Francesco (ed.). *Tesouros do Egito: do museu egípcio do Cairo*. São Paulo: Manole, 1998. 416 p.
- VERCOUTTER, Jean. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 176 p.

ARTIGO ENVIADO EM: 18/03/2014

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 25/05/2014